

Reconstruir o que o mundo desmonta

Fabiana Lazzari

Universidade de Brasília - UnB (Brasília, Brasil)

Liliana Pérez Recio

Universidade Federal do Maranhão – UFMA (São Luís, Brasil)

Paulo Balardim

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (Florianópolis, Brasil)



Figura 1 – Personagem "Bernunça", do Grupo Boi de Mamão do Itacorubi (Florianópolis/SC).

Foto: Acervo Fundação Franklin Cascaes. Fonte: <https://floripa.com/a-cidade/tradicoes/boi-de-mamao-a-tradicao-folclorica-que-da-vida-a-cultura-de-florianopolis/>. Acesso em 28/12/2025.

DOI: <https://doi.org/10.5965/2595034702322025012>

Reconstruir o que o mundo desmonta¹

Fabiana Lazzari², Liliana Pérez Recio³ e Paulo Balardim⁴

Resumo: O texto apresenta a edição n. 32 da Móin-Móin - Revista de Estudos Sobre Teatro de Formas Animadas, com o tema “O palco da celebração: Teatro de Animação, ritual, festividade e comunidade”, seu contexto de composição, as questões que provocaram os autores e o convite à leitura dos artigos publicados.

Palavras-chave: Comunidade. Festividade. Revista Móin-Móin. Ritual. Teatro de Animação.

Rebuilding what the world dismantles

Abstract: This text presents the 32nd edition of Móin-Móin - Journal of Animated Form Studies, themed “The stage of celebration: Puppet Theater, ritual, festivity, and community”. It details its composition context, the questions that challenged the authors, and an invitation to read the published articles.

Keywords: Community. Festivity. Móin-Móin Journal. Puppetry. Ritual.

¹ Data de submissão: 12/01/2026 | Data de aprovação: 12/01/2026.

² Professora Adjunta do Departamento de Artes Cênicas-CEN e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas-PPGCEN, do Instituto de Artes-IdA, da UnB. Coordena o Proj. de Extensão de Ação Continuada LATA-Laboratório de Teatro de Formas Animadas e do Grupo de Pesquisa vinculado ao CNPq-LATA/UnB. Doutora e Mestre em Teatro pelo Programa de Pós-Graduação em Teatro-PPGT/UDESC. Licenciada em Educação Artística-Habilitação em Artes Cênicas (UDESC). Bacharel em Educação Física (UDESC). Atriz, Sombrista, Arte-educadora, Gestora e Produtora Cultural e fundadora da entreAberta Cia Teatral e do SKIA-Espaço da Sombra. E-mail: fabianalazzari@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2757-2087>.

³ Professora do Departamento de Artes Cênicas-DEARTC/CCH da Universidade Federal do Maranhão / UFMA. Doutora pelo Programa de Pós-graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (2022), Bacharel em Teatro pelo Instituto Superior de Arte (2000) de Havana, Cuba. Diretora e atriz, integrou o elenco do *Teatro Nacional de Guiñol* durante nove anos. Fundou *El Arca Teatro Museo de Títeres* (2010) em Havana. E-mail: bastianybastiane@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3768-9599>.

⁴ Professor Associado na área de Prática Teatral-Teatro de Animação, no Departamento de Artes Cênicas-DAC e no Programa de Pós-Graduação em Teatro do Centro de Artes-CEART da Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC. Coordena o Programa de Extensão Formação Profissional no Teatro Catarinense. Pós-Doutorado em Teatro de Animação (Université Paul Valéry-Montpellier III), Doutor (PPGT/UDESC) e Mestre (PPGAC/UFRGS) em Artes Cênicas, Licenciado em Letras-Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (ULBRA). E-mail: paulobalardim@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2586-2630>.

Reconstruir o que o mundo desmonta

É com entusiasmo que a Revista Móin-Móin apresenta a sua 32.^a edição, um volume dedicado a explorar a vitalidade das formas animadas nos contextos de celebração coletiva. Sob o título "O palco da celebração", esta edição reúne investigações e reflexões que se debruçam sobre a intersecção entre o teatro de bonecos, objetos e máscaras e as esferas do ritual, da festividade e da dinâmica comunitária. Segundo Richard Schechner,

Rituais são performativos: são atos realizados; e performances são ritualizadas: são ações codificadas, repetíveis. As funções do teatro identificadas por Aristóteles e Horácio — entretenimento, celebração, fortalecimento da solidariedade social, educação (incluindo educação política) e cura — também são funções do ritual. A diferença reside no contexto e na ênfase" (SCHECHNER, 1994, p. 613. Tradução nossa).⁵

Nesta perspectiva, a festa popular transcende o mero entretenimento; configura-se como um momento soberano de suspensão da lida diária para o fortalecimento dos laços coletivos. Este fenômeno remete-nos para o conceito de *communitas*, desenvolvido por Victor Turner (1974), que descreve um estado de igualdade e união profunda experienciado durante rituais e celebrações, no qual as hierarquias sociais da vida quotidiana são temporariamente eclipsadas. Investigamos aqui a "essência" desta prática: a capacidade do teatro de formas animadas para, através do rito celebrativo, reconstruir internamente aquilo que o "mundo desmonta" externamente — sejam as crises sociais, a exclusão ou os processos de apagamento histórico.

Historicamente, o teatro de animação nunca foi uma manifestação estética isolada. As suas raízes mergulham na história e na antropologia profunda dos povos. Como reflete Amaral (1991), visto como uma evolução dos ídolos e fetiches de outrora, o boneco carrega em si uma herança sagrada que faz sua biografia convergir com o próprio desenvolvimento dos ritos da

⁵ "Rituals are performative: they are acts done; and performances are ritualized: they are codified, repeatable actions. The functions of theatre identified by Aristotle and Horace entertainment, celebration, enhancement of social solidarity, education (including political education), and healing are also functions of ritual" (SCHECHNER, 1994, p. 613).

humanidade. Os trabalhos aqui reunidos exploram como estes objetos abandonam a condição de matéria inerte para se transmutarem em pontes entre o visível e o invisível. A "vida" destes objetos em cena não é uma simples ilusão técnica, mas uma manifestação da "dupla consciência" do espectador, descrita por Tillis (1992), que aceita o objeto como um ser vivo enquanto reconhece, simultaneamente, a sua natureza material. A presença de figuras inanimadas em cerimônias tradicionais atua como um motor de coesão social. Segundo Jurkowski (1990), no contexto ritual, o objeto manipulado também é um signo de poder que pode expressar a vontade de uma comunidade. Esta dimensão simbólica é reforçada pela premissa de que as formas animadas são "operadores rituais", capazes de mediar conflitos e consolidar identidades, transformando o espaço festivo num território liminar de partilha absoluta.

Dentro do escopo temático, os artigos deste dossiê investigam eixos fundamentais: as raízes antropológicas das máscaras; a identidade e a comunidade como ferramentas de resistência; o potencial de ação social e de educação pelo teatro de animação; e a resistência cultural no Norte e Nordeste brasileiro, onde o teatro de animação salvaguarda saberes ancestrais. Abrindo o volume, **Rafael Sol** analisa a função social do boneco e da máscara nos folguedos do Espírito Santo, destacando as Folias de Reis e Guardas de Congo como vetores de memória. Na sequência, **Alexandre Borin Antunes** reflete sobre o intercâmbio entre festivais de máscaras no Brasil (FIMC) e no Canadá (Masq'Alors), evidenciando o fortalecimento das tradições locais. A dimensão latino-americana é explorada por **João Vitor Muniz da Silva**, que narra o processo de criação multicultural de *Blasfêmia* entre o Brasil e o Peru, cruzando as festas de Santana de Parnaíba e Cajamarca. Do coração da floresta, **José Raphael Brito dos Santos e Karina Mateus da Silva** propõem o conceito de "corpo-máscara amazônica", analisando rituais em Itaituba (PA) como gestos de purgação e resistência contracolônia. A tradição maranhense é revisitada por **Liliana Perez e Tácito Borralho**, que utilizam o referencial de Taylor (2003) sobre "arquivo e repertório" para analisar as dimensões rituais do Bumba meu

Boi. Encerrando o dossiê, **Cristina Grazioli** transporta-nos para a Düsseldorf de 1585, revelando como espetáculos pirotécnicos e alegorias renascentistas serviram de estratégias políticas de afirmação de poder. O volume inclui ainda uma entrevista de **Igor de Almeida Amanjás** com Anak Agung Gede Oka Dalem sobre a genealogia do estilo *Legong* em Bali e a preservação de linhagens artísticas sob a pressão da mudança global.

Além do tema central, apresentamos uma entrevista de **Maria Brígida de Miranda** e **Vânia Schwenke** com a *Fraternal Compagnia* (Itália) sobre a presença feminina na *Commedia dell'Arte* e a criação da máscara da Bruxa (*La Strega*). Nos artigos independentes, **Miguel Nigro** estabelece um diálogo comparativo entre o teatro de objetos e o ilusionismo de proximidade (*close-up*). Por fim, **Silvia Rodrigues dos Santos** analisa o espetáculo "A Cidade que cada um vê", inspirado em Ítalo Calvino, discutindo o ato de habitar e a disputa simbólica por território.

Esta edição é, portanto, um convite ao diálogo sobre a expressão e a dimensão ritualística do objeto. Através de artigos, traduções e relatos, celebramos o teatro de animação como uma arte que não apenas representa a vida, mas a preserva, celebra e transmite. Desejamos que estas páginas inspirem novos olhares sobre a força das formas animadas e a sua capacidade de tornar o mundo um lugar de partilha. Boa leitura!

Referências

- AMARAL, Ana Maria. **O teatro de bonecos no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1991.
- JURKOWSKI, Henryk. **Aspects of Puppet Theatre**. London: Puppet Centre Trust, 1990.
- SCHECHNER, Richard. **Ritual and performance**. In: INGOLD, Tim (org.). *Companion Encyclopedia of Anthropology: Humanity, Culture and Social Life*. London: Routledge, 1994. p. 613–647.
- TILLIS, Steve. **Toward an Aesthetics of the Puppet**: Puppetry as a Theatrical Art. New York: Greenwood Press, 1992.
- TURNER, Victor. **O Processo Ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.